

AS RAÍZES DO QUADRO INDEPENDÊNCIA OU MORTE!

Historiadora identifica as obras francesas e italianas que teriam inspirado o pintor Pedro Américo

Danilo Albergaria

O quadro do Ipiranga, a declaração de Independência pelo então príncipe regente dom Pedro de Alcântara (1798-1834) em 7 de setembro de 1822, foi construído historicamente como um dos atos fundadores do Brasil, afirmam os estudiosos do período. Sua representação mais emblemática é o quadro *Independência ou morte!*, de 4,15 metros (m) por 7,60 m, elaborado entre 1886 e 1888 em Florença, na Itália. Exposto no salão nobre do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (MP-USP), sabe-se hoje que seu autor, Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905), um dos mais famosos pintores brasileiros do final do século XIX, não o concebeu como tentativa de representação fidedigna do ato nem como fantasia desvinculada da realidade.

A pintura expressa não só uma intensa pesquisa sobre a história e a cultura brasileiras, mas também uma marcante influência europeia, observa a historiadora Michelli Scapol Monteiro. Em 2019 e 2020, como parte de seu estágio de pós-doutorado no MP, ela visitou arquivos, bibliotecas e museus de Florença e Paris, na França, para identificar as influências artísticas e políticas do quadro e as referências a outras obras e artistas, também chamadas de citações, procedimento comum em pinturas históricas da época.

“As citações eram uma forma de o artista mostrar erudição e conhecimento de seus predecessores e contemporâneos”, diz ela. “Serviam para mostrar deferência a pinturas que inspiraram a composição de uma tela.” As citações aparecem geralmente nos gestos de personagens, em detalhes ou na disposição dos elementos de uma cena que se assemelham aos das obras inspiradoras. Costumavam ser esperadas e até mesmo

valorizadas, por evidenciarem a capacidade de um artista em adaptar um elemento prévio a um novo contexto.

Ainda que fosse um procedimento característico da pintura acadêmica, no final dos 1800 tal prática resultou em acusações de plágio contra Pedro Américo, especialmente em comparação com o quadro *1807, Friedland*, do francês Jean-Louis-Ernest Meissonier (1815-1891), que retrata uma vitória militar de Napoleão Bonaparte (1769-1821). Concluída em 1875, a obra exibe a mesma disposição de protagonistas, grupos e cavalarias. Monteiro reconhece o quadro de Meissonier como modelo geral de composição para o *Independência ou morte!*, além de detalhes que devem ter saído do *1807* e de outras obras de pintores franceses e italianos.

Os gestos de figuras próximas a dom Pedro I também guardam semelhanças aos de personagens retratados em dois quadros do francês Horace Vernet (1789-1863), produzidos em 1828 e 1846, e uma pintura de Henri Philippoteaux (1815-1884), concluída em 1844. As ações em meio à cavalaria se parecem com as de pinturas de guerra italianas, datadas de 1855 e 1868, respectivamente de Giovanni Fattori (1825-1908) e de Vincenzo Giacomelli (1841-1890) (*ver infográfico*).

Em um discurso proferido em Lyon, França, em 1880, Pedro Américo argumentou que a citação não expressava cópia ou falta de originalidade, mas um contínuo progresso das expressões artísticas. Contudo, vanguardas artísticas, como o impressionismo, em ascensão no final do século XIX, valorizavam a originalidade, em oposição às práticas tradicionais de citações e demonstração de erudição artística. “Pedro Américo fez o *Independência ou morte!* em consonância com



1

as convenções artísticas da época, pois também desejava ingressar no meio artístico europeu”, conta Monteiro. Florença, com sua miríade de estúdios de artistas, era um local privilegiado para esse fim. “Em Florença, no acervo pessoal de Pedro Américo, atualmente sob os cuidados de seu neto Giampaolo Montesi, encontrei gravuras, fotografias de cavalos e informações sobre vestimentas históricas que serviram de referências para o quadro.” “Havia claramente um esforço de encontrar a melhor forma de tornar o quadro realista, como vários outros artistas do período”, observa a historiadora. A atenção aos detalhes de pessoas, roupas e animais já havia marcado outras obras do pintor, como *Batalha do Avaí*, de 1877, representando um dos confrontos da Guerra do Paraguai (1864-1870), e manteve-se em *Tiradentes esquartejado*, de 1893, já no período republicano, que não agradou o *establishment* tanto quanto seu autor esperava (ver Pesquisa FAPESP nº 297).

Segundo Monteiro, Pedro Américo tinha bom trânsito na Corte de dom Pedro II (1825-1891) e correspondia-se com a princesa Isabel (1846-1921). Dom Pedro II e a rainha Vitória (1819-1901), da Inglaterra, conheceram a pintura na Accademia Reale delle Belle Arti, de Florença, onde foi exposta pela primeira vez, em 1888. No Brasil a tela foi apresentada ao público em 1895, na inauguração do MP.

PINTURA DE HISTÓRIA

Pedro Américo estava consciente de que produzia algo distinto de uma representação fiel da realidade. Ele sabia que a comitiva do príncipe

não usava cavalos, mas mulas, mais apropriadas ao tipo de viagem que faziam, ao subir a serra do Mar. Nem havia tanta gente com ele. Tampouco vestiam roupas formais, inadequadas à natureza da viagem e do clima. “A realidade inspira, mas não escraviza o pintor”, defendia-se o artista.

Sem abdicar do realismo pictórico, Pedro Américo deu ao grito de Independência uma dimensão solene e grandiloquente. Seu quadro é um exemplo de pintura de história, gênero artístico do final do século XIX frequentemente atrelado aos movimentos de legitimação nacionalista. Nessa abordagem, o pintor deveria procurar elementos da realidade, como os retratos dos integrantes da comitiva de dom Pedro, mas também interpretar os fatos de acordo com sua imaginação artística.

O contexto político era relevante: o quadro foi uma encomenda do governo paulista para decorar o edifício do Monumento do Ipiranga, concluído em 1890, depois de cinco anos em obras, para marcar o lugar em que teria ocorrido a declaração de Independência. “O objetivo dos políticos de São Paulo era valorizar o solo paulista como o lugar de fundação nacional”, diz a historiadora Cecília Helena de Salles Oliveira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e do próprio MP. “O edifício foi projetado para celebrar a memória do fundador do Império e a memória da monarquia, e o objetivo mais imediato do quadro encomendado a Pedro Américo era enaltecer a importância essencial da monarquia na construção da nacionalidade.” A preferência estilística do artista não se chocava com a expectativa de

Com a mesma disposição de personagens, o 1807, *Friedland*, de Jean-Louis-Ernest Meissonier, pode ter sido o modelo geral de composição para o *Independência ou morte!*

Fontes de inspiração de Pedro Américo (ver detalhes na página 63): *Le roi Louis-Philippe entouré de ses cinq fils sortant par la grille d'honneur du château de Versailles après avoir passé une revue militaire dans les cours, 10 juin, 1837*, de Horace Vernet, 1846 (imagem maior), *La bataille de Rivoli, 14 janvier 1797*, de Henri Philippoteaux, 1844 (embaixo, à dir.), e *Louis-Philippe, accompagné de ses fils, sortant à cheval du château de Versailles*, de Horace Vernet, 1846 (embaixo, à esq.)

quem encomendou a obra. “As orientações para a pintura partiram de políticos conservadores, que pretendiam uma obra de arte que respeitasse os princípios mais gerais da pintura de história”, aponta Oliveira.

Pedro Américo tentou expor o quadro na Feira Universal de Paris, em 1889, mas, por falta de verba e de transporte adequado, uma comissão responsável pela construção do Monumento do Ipiranga não autorizou o envio. “Provavelmente ele queria mostrar o quadro para Meissonier, que era presidente do júri da seção de pintura e desenho da exposição”, supõe Monteiro. Quatro anos depois, Pedro Américo conseguiu exibir o quadro no pavilhão brasileiro da feira em come-

moração dos 400 anos da descoberta da América, em Chicago, nos Estados Unidos. Investigando a cobertura jornalística do evento, Monteiro descobriu que, dentre as obras produzidas por artistas brasileiros, *Independência ou morte!* foi a que obteve maior destaque, tendo sido reproduzida nos jornais de Chicago. *Caipiras negaceando*, de José Ferraz de Almeida Junior (1850-1899), foi exposto no Palácio de Belas Artes da feira.

MOREAUX VERSUS PEDRO AMÉRICO

“A imagem da declaração de Independência mais difundida ao longo do século XIX foi a do francês François-René Moreaux [1807-1860], realizada em 1844, por encomenda do Senado brasilei-



2



3



4

UM PINTOR DECIDIDO

Físicos encontram poucos detalhes indicando mudanças de ideias

“Pedro Américo foi muito preciso na composição, pois o quadro não tem muitos arrependimentos”, avalia a física Márcia Rizzutto, da USP. Ela e o também físico da USP Pedro de Campos examinaram os pigmentos da pintura por meio de três técnicas: a fluorescência de raios X e espectroscopia Raman, que distinguem os pigmentos originais de outros adicionados em trabalhos posteriores de restauração, e a reflectografia de infravermelho, capaz de

identificar desenhos subjacentes e os chamados arrependimentos, detalhes apagados ou substituídos. Eles verificaram que as mudanças entre o esboço e a pintura final se limitam a detalhes, como orelhas de cavalo e o seu cavaleiro, flores que desapareceram, patas de cavalo em posições diferentes e a assinatura, inicialmente no alto do quadro e depois em uma área mais visível, próxima à moldura inferior.

ro”, diz a historiadora da arte Maraliz de Castro Vieira Christo, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). “Com a fragmentação política do período regencial e o golpe da maioridade, foi fundamental afirmar a continuidade entre a Independência e o reinado do jovem dom Pedro II, que subira ao trono três anos antes.” Para tanto, segundo ela, “Moreaux optou por representar a Independência como confraternização e não como conflito, colocando os militares em último plano”.

Para Oliveira, o objetivo político da pintura de Moreaux era “perpetuar a imagem da monarquia como regime aclamado popularmente, aceito por expressar os anseios de liberdade da sociedade”. Em contraste com o quadro de Moreaux, Pedro Américo produziu “uma imagem monumental idealizando o momento da fundação nacional”, afirma a historiadora, e seu objetivo era “imortalizar o lugar, a data de 7 de setembro e o protagonista”. Monteiro chama a atenção para uma diferença entre a figura de dom Pedro I nos dois quadros: no de Moreaux, sobre o príncipe aclamado por uma multidão há uma luz que sugere a um ato divino na fundação do Brasil. No de Pedro Américo, “há uma atribuição de heroísmo, com ênfase na agência humana do ato, não divina, procurando mostrar como o monarca foi importante para a Independência do Brasil”.

Independência ou morte! se sobrepôs a seu antecessor e se tornou a imagem emblemática da Independência para os brasileiros, especialmente com sua ampla difusão a partir das comemorações do centenário, em 1922. “Desse momento em diante, o quadro foi reproduzido nos mais variados suportes, como leques, tapeçarias, selos, medalhas. Passou a ser visto como uma imagem ‘real’ do fato e não uma representação”, afirma Christo, da UFJF.

Segundo Oliveira, a popularização da imagem ocorreu graças ao empenho de políticos do Par-

tido Republicano paulista e intelectuais interessados em vincular a imagem da Independência a São Paulo. “São Paulo era apresentado como lugar de origem da nação e do novo regime republicano”, diz ela. “Com a expansão da educação pública e com os investimentos dos governos federal e estaduais na direção do atrelamento entre arte, cultura e propaganda política, a pintura ganhou uma repercussão enorme.” Durante décadas, foi a imagem predominante nos livros didáticos de história. ■

O quadro *A proclamação da Independência*, feito por François-René Moreaux em 1844, foi bastante difundido no século XIX, antes de ser suplantado pela obra de Pedro Américo

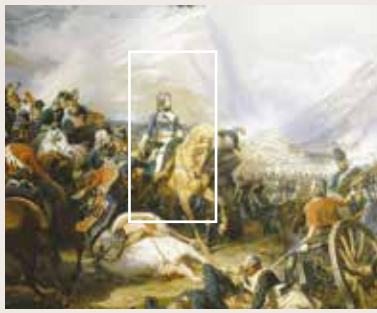


Projeto

Independência ou morte!, de Pedro Américo: Concepção e circulação antes do ingresso no Monumento à Independência (nº 18/17682-0); **Modalidade** Bolsa de pós-doutorado; **Pesquisador responsável** Paulo César Garcez Marins (USP); **Bolsista** Michelli Cristine Scapol Monteiro; Investimento R\$ 536.919,71.



2

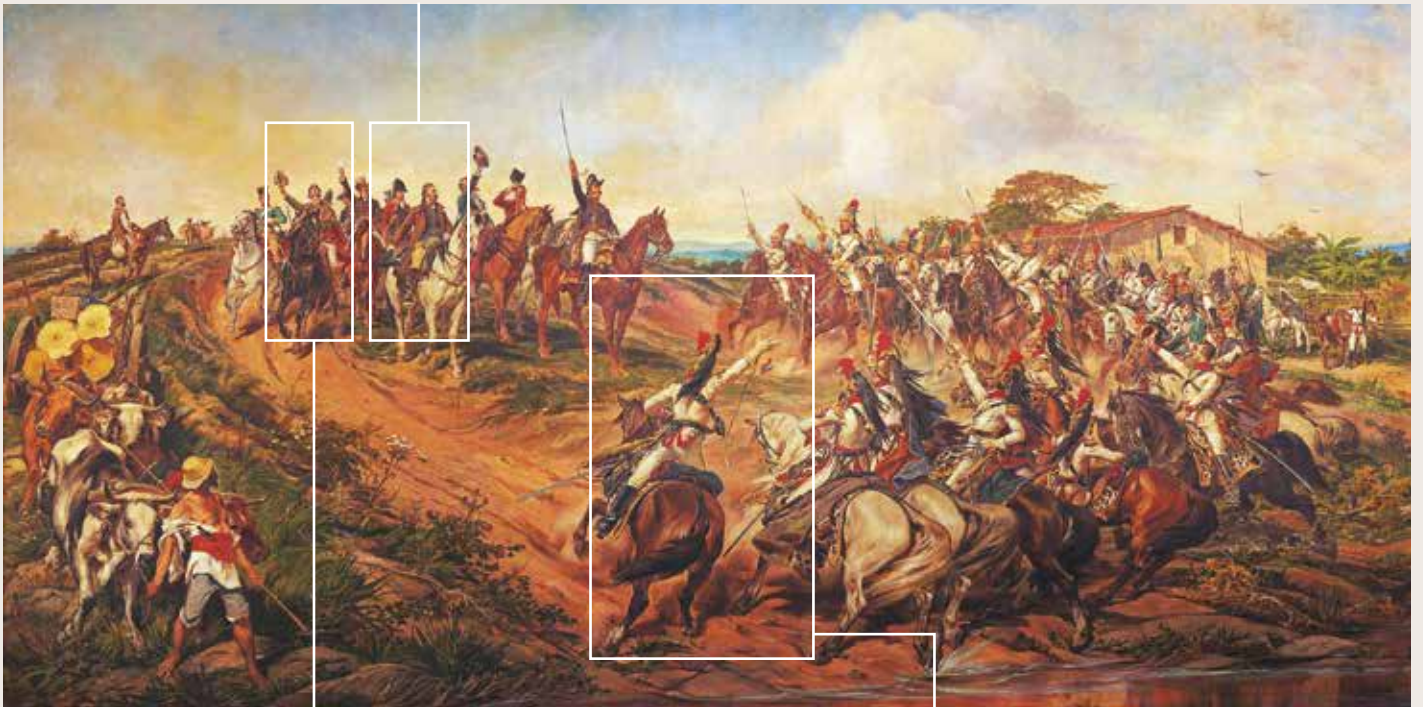


3

AS INFLUÊNCIAS EUROPEIAS DE INDEPENDÊNCIA OU MORTE!

Pedro Américo inspirou-se em obras de artistas franceses e italianos

La bataille de Rivoli, 14 janvier 1797, de Henri Philippoteaux, 1844 (acima, à dir.), e Louis-Philippe, accompagné de ses fils, sortant à cheval du château de Versailles, de Horace Vernet, 1846 (acima, à esq.)



4



5

Le roi Louis-Philippe entouré de ses cinq fils sortant par la grille d'honneur du château de Versailles après avoir passé une revue militaire dans les cours, 10 juin, 1837, de Horace Vernet, 1846 (à esq.), e La Guerra d'Italia nel 1860-1861, de Victor Jean Vicent Adam e Carlo Perrin (abaixo)



7



6

La battaglia di Pastrengo, de Vincenzo Giacomelli, 1855 (à esq.), e Un episodio della battaglia di San Martin, de Giovanni Fattori, 1868 (abaixo)



8